



Violência, mídia e exclusão social: uma análise do documentário

“Ônibus 174”

Leonardo Teixeira Neres¹
Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7)

Resumo

Esta pesquisa analisa o documentário *Ônibus 174* (2002), dirigido por José Padilha, sob uma perspectiva crítica da exclusão social, violência urbana e espetacularização midiática. Utilizou-se abordagem qualitativa, com ênfase na narrativa, estética e construção simbólica da obra, fundamentada em referenciais das áreas de comunicação, sociologia e estudos culturais. A análise evidencia como a narrativa audiovisual desafia estereótipos, provoca reflexão e propõe uma revisão crítica sobre o papel da mídia na construção do imaginário social.

PALAVRAS-CHAVE: exclusão social; violência urbana; mídia; documentário; invisibilidade.

RESUMO EXPANDIDO

Em 12 de junho de 2000, o sequestro de um ônibus no Rio de Janeiro, protagonizado por Sandro do Nascimento, escancarou as contradições sociais brasileiras. Jovem negro e oriundo da periferia, Sandro invadiu um ônibus da linha Central-Gávea, mantendo passageiros reféns por mais de quatro horas, em um episódio que culminou na trágica morte da professora Geísa Gonçalves e na sua própria execução, sob custódia policial. O caso rapidamente ganhou enorme repercussão midiática, sendo transmitido ao vivo para todo o país e alimentando o debate público sobre segurança, violência e desigualdade. O documentário *Ônibus 174*, lançado em 2002, mergulha nesta complexa trama, reconstruindo a trajetória de Sandro e revelando as engrenagens sociais e institucionais que contribuíram para sua invisibilização e marginalização.

Este trabalho busca analisar criticamente a construção narrativa do documentário, identificando como ele denuncia não apenas o episódio isolado, mas um sistema social que

¹ Graduando em Jornalismo pela Universidade 7 de Setembro (UN7)E-mail: leonardoneres733@gmail.com

reiteradamente produz e descarta sujeitos como Sandro. A metodologia adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, articulada com aportes teóricos da sociologia urbana e dos estudos midiáticos.

Para compreender a narrativa do documentário, é imprescindível recorrer à obra de Michel Foucault (1975), especialmente à sua análise sobre os dispositivos disciplinares das sociedades modernas. Foucault demonstra como a dominação social não se dá apenas por mecanismos de repressão física, mas por sutis processos de classificação, vigilância e controle. Sandro exemplifica esse processo: invisibilizado como sujeito de direitos, mas visibilidade excessiva como ameaça pública, foi rapidamente transformado em “inimigo social”. Sua figura passa a ocupar, no imaginário coletivo, o espaço simbólico do “bandido perigoso”, justificando práticas punitivas e excludentes.

Esse fenômeno é aprofundado pelo conceito de simulacro, desenvolvido por Jean Baudrillard (1981), que aponta para a substituição da realidade por uma representação midiática. No caso de Sandro, a transmissão ao vivo do sequestro cria uma imagem descolada de sua história pessoal e das complexas causas sociais que o conduziram até ali. A espetacularização produz um “Sandro simbólico”, reduzido a um signo do medo urbano. Como observa Baudrillard, “a simulação ameaça a diferença entre o verdadeiro e o falso, o real e o imaginário”. Assim, a cobertura jornalística não apenas informou o público, mas também moldou uma narrativa específica, que eclipsou nuances e aprofundou estereótipos sobre jovens negros e periféricos.

Esse processo de construção do inimigo simbólico revela uma dinâmica seletiva: enquanto certos corpos são protegidos e resguardados, outros são expostos, vigiados e punidos com intensidade desproporcional. A análise de Foucault sobre o poder disciplinar ajuda a compreender como Sandro, ainda que invisível na maior parte de sua trajetória, foi subitamente capturado pelo olhar público, não como sujeito, mas como objeto de punição.

O documentário revela, com precisão, que a trajetória de Sandro foi marcada por múltiplas camadas de exclusão social. Desde a infância, Sandro enfrentou o abandono familiar, a violência institucional e a ausência de políticas públicas efetivas. A Chacina da Candelária, de que ele foi sobrevivente, evidencia a brutalidade dirigida contra crianças e adolescentes em situação de rua, que, longe de serem protegidos, são frequentemente eliminados.

Luiz Eduardo Soares sintetiza essa realidade ao afirmar que Sandro representa os “meninos invisíveis que eventualmente emergem e tomam a cena, confrontando-nos com sua violência, um grito desesperado e impotente”. A invisibilidade social a que se refere Soares não se resume à ausência de políticas públicas, mas é, sobretudo, uma operação simbólica que nega a humanidade desses sujeitos.

Como destaca Vera Malaguti Batista (2011), o “inimigo simbólico” é aquele condenado antes mesmo do julgamento, um corpo já marcado pela suspeita e pela criminalização. A trajetória de Sandro ilustra essa dinâmica: sua condição de órfão e sobrevivente da marginalidade foi sumariamente apagada, dando lugar à figura do sequestrador perigoso.

Nesse sentido, o documentário *Ônibus 174* desempenha uma função importante de resgate: ao reconstruir a história de Sandro, devolve-lhe a complexidade humana negada pela cobertura midiática. A obra recusa a leitura simplista que o reduz a um criminoso e propõe uma análise mais ampla das estruturas sociais que produziram sua marginalização. O papel da mídia no episódio do sequestro do ônibus 174 é central para entender como se produz socialmente o medo e a criminalização. A cobertura exaustiva das emissoras de televisão transformou o sequestro em espetáculo, priorizando a dramaticidade e reforçando estereótipos.

De acordo com Rocha (2016), “A TV Bandeirantes tinha 40 minutos de imagens gravadas do sequestro; a Rede Record, 4 horas; e a TV Globo, 20 horas, pois deslocaram quatro câmeras para a cobertura do episódio. Padilha comprou 50 minutos de imagens dessas emissoras para montar o filme”. Esse dado demonstra como a mídia sensacionalizou o evento, priorizando o acúmulo de material bruto para exibição, e a população corresponde isso. Estavam todos não para saber se os reféns iriam sair bem, e sim, a punição com o sequestrador. Rubim (2004) observa que a espetacularização da violência transforma tragédias humanas em produtos de consumo visual, esvaziando sua dimensão ética e política. No caso de Sandro, tanto ele quanto as vítimas foram reduzidos a personagens de uma narrativa midiática voltada para o entretenimento.

Durante a cobertura do caso, o *RJTV – 1ª Edição* dedicou quase toda a sua programação ao sequestro, reforçando a centralidade do episódio no imaginário público. No dia 13 de junho de 2000, os apresentadores Márcio Gomes e Ana Paula Araújo entrevistaram o perito Nelson Massini, que criticou a atuação da polícia. Na mesma edição, o capitão da PM

Paulo César Amêndola, um dos criadores do BOPE, foi entrevistado ao vivo, enquanto repórteres informavam, diretamente da Secretaria de Segurança Pública, que não havia respostas oficiais sobre a autoria dos disparos que mataram a professora Geísa ou sobre as circunstâncias da morte de Sandro. A cobertura em tempo real e a ausência de respostas concretas contribuíram para transformar o caso em um espetáculo contínuo de tensão e incerteza.²

O documentário evidencia ainda que, para Sandro, a presença da mídia adquiriu um significado peculiar: a televisão o transformou, momentaneamente, em protagonista. Como revela José Padilha (2002), “a televisão permitiu que ele se sentisse poderoso, que ele existia para alguém”. Essa percepção revela a perversidade de uma sociedade que só reconhece determinados sujeitos quando estes ameaçam a ordem pública.

O fotógrafo Fábio Seixas, entrevistado no documentário, destaca a ausência de isolamento da cena, permitindo que a imprensa se aproximasse do sequestro, exacerbando o espetáculo. Ao invés de mediar a compreensão dos fatos, a mídia reforçou o medo e alimentou o clamor social pela punição de Sandro, já visto como um “caso perdido”. Diferentemente da mídia tradicional, o documentário *Ônibus 174* busca reconstruir a subjetividade de Sandro, apresentando-o não apenas como um sequestrador, mas como um ser humano marcado por traumas, negligência e exclusão. Ao ouvir familiares, educadores e ex-internos do abrigo onde Sandro viveu, a obra oferece uma perspectiva mais ampla e empática.

Jessé Souza (2017) caracteriza trajetórias como a de Sandro como parte da “ralé estrutural brasileira”, formada por indivíduos privados de direitos e sistematicamente invisibilizados. O documentário, ao romper com essa invisibilidade, desafia o espectador a reconhecer Sandro como produto de um sistema social falido, e não como um desvio individual. Essa inversão narrativa é fundamental, pois transforma o espectador: de julgador passivo a testemunha de uma tragédia social. Como afirma Soares (2002), “a grande luta desses meninos é contra a invisibilidade”, que se manifesta tanto pela negligência quanto pela estigmatização.

O documentário também destaca as vozes de outros jovens em situação de rua, que denunciam a marginalização a que são submetidos: “Se eles abrirem a porta um dia para dar uma oportunidade, a gente vai ser alguém”. Esse depoimento sintetiza o desejo por

² Trecho adaptado de: GLOBO, Memória. *Sequestro do ônibus 174*, 2021.



reconhecimento e oportunidade, negados sistematicamente. Ao devolver a Sandro e a outros jovens sua humanidade, o documentário rompe com a lógica da culpabilização individual e aponta para a necessidade de uma crítica estrutural à sociedade brasileira, que insiste em ocultar sua parcela mais vulnerável até que ela irrompe de forma trágica.

A história de Sandro do Nascimento não é um caso isolado. É um retrato cruel de uma realidade que se repete todos os dias nas periferias do Brasil, onde crianças crescem sem amparo, jovens se tornam alvos antes mesmo de terem uma chance e a violência aparece como única resposta visível a uma vida marcada por invisibilidade.

O documentário *Ônibus 174* não busca desculpas, mas sim compreensão. Ele nos obriga a olhar para além da manchete e enxergar o que há por trás de um rosto que, por algumas horas, estampou o medo de uma cidade inteira. Ao fazer isso, expõe a falência de um sistema que abandona, rótula e pune sem se responsabilizar.

A mídia teve papel central na forma como essa história foi percebida. Ao transformar a dor em espetáculo, ela reforçou estigmas e silenciou nuances. Resta perguntar: quantas vezes vamos repetir esse roteiro? Quantos jovens ainda precisarão gritar, de forma desesperada, para serem, enfim, vistos?

Talvez a verdadeira questão não seja “quem foi Sandro?”, mas “quem somos nós diante de alguém como Sandro?”. E o que fazemos com esse encontro?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BATISTA, Vera Malaguti. *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BINKOWSKI, Gabriel Inticher. *Ônibus 174: leitura sobre uma certa ‘mancha’*. *Psicologia & Sociedade*, v. 28, n. 1, p. 57-65, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/GP6kjvjs7BSZZwPw6sJPjYw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PADILHA, José. *Ônibus 174*. Direção: José Padilha. Produção: Zazen Produções. Brasil: Zazen Produções, 2002. 1 DVD (120 min.), son., color.

ROCHA, Leonardo Coelho. O caso Ônibus 174: entre o documentário e o telejornal. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, v. 23, n. 1, p. 1-14, 2016.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. A mídia e a espetacularização da violência. In: *Comunicação e violência simbólica*. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: oprimidos e odiados*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.

O GLOBO. Sequestro do ônibus 174: horas de tensão com uma tragédia no final. *Blog do Acervo*, 15 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2024/03/sequestro-do-onibus-174-horas-de-tensao-com-uma-tragedia-no-final.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. Sequestro do ônibus 174. *Memória Globo*, [s.d.]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/sequestro-do-onibus-174/noticia/sequestro-do-onibus-174.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2025.